

A HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS MULHERES PSICANALISTAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

MARCUS VINICIUS NETO SILVA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

ÉRICA SILVA ESPÍRITO SANTO

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

O presente artigo investiga de que modo as mulheres passaram a fazer parte do campo psicanalítico, através do relato resumido da vida e obra das primeiras psicanalistas. Além disso, tentamos esclarecer sobre o que pode ter contribuído para que a maioria delas tenha permanecido relativamente desconhecida, mesmo tendo produzido uma grande quantidade de trabalhos importantes para a construção da teoria e prática psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres psicanalistas; História da Psicanálise; Sexualidade Feminina.

ABSTRACT

This article investigates how women became a part of the psychoanalytic field, through a short review of the lives and work of the first women psychoanalysts. Besides, we try to clarify what might have contributed to the fact that most of them have remained relatively unknown, even though they have produced a great amount of important works that contributed to the construction of the psychoanalytic theory and practice.

KEYWORDS: Women Psychoanalysts; History of Psychoanalysis; Female Sexuality.

No cenário atual, a presença e participação ativa de mulheres nas diversas instituições de psicanálise não é incomum. De fato, é possível até mesmo que o número de mulheres tenha superado o de homens. Essa situação, absolutamente natural aos olhos de um psicanalista de nossos tempos, pareceria impensável a um membro do movimento psicanalítico na primeira década do século XX.

Embora seja difícil obter dados precisos, Appignanesi e Forrester afirmam que: "Em 1940, 40% dos analistas na Grã-Bretanha eram mulheres; o restante do movimento psicanalítico internacional alcançou 30% na década de 1930"¹. Segundo os autores, entre 1920 e 1980 cerca de 27% dos analistas europeus eram mulheres, número que caía pra 17% nos Estados Unidos, onde era necessário formação médica para se tornar psicanalista.

No caso do Brasil, não há informação exata sobre a quantidade de mulheres psicanalistas. As pesquisas que mais se aproximam disso dizem respeito ao percentual de mulheres exercendo a psicologia, que é, afinal de contas, o caminho mais comum para os profissionais entrarem em contato com a psicanálise².

Mesmo assim, parece ser dado um lugar de pouco destaque às psicanalistas na história da psicanálise. Os relatos em geral têm como foco a obra de homens, de controvérsias entre eles e colocam ênfase na produção teórica deles. A muitas mulheres costuma ser reservada uma ou outra nota de rodapé, e suas histórias permanecem relegadas à obscuridade.

Tentaremos acompanhar de que modo as mulheres passaram a fazer parte do campo psicanalítico, através do relato resumido da vida e obra das primeiras psicanalistas. Também é nossa intenção lançar alguma luz sobre o que pode ter contribuído para que a maioria delas tenha permanecido relativamente desconhecida, mesmo tendo produzido uma quantidade considerável de trabalhos de grande valor. Para isso, será necessário que nossa investigação tenha início num momento ainda anterior à entrada das mulheres nas instituições psicanalíticas.

A partir de 1902, Freud passa a se reunir semanalmente com quatro médicos interessados em estudar psicanálise. Esse primeiro grupo, que veio a ser conhecido como Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, cresceu ao longo dos anos seguintes, chegando a ter 22 membros em 1906. No que diz respeito à profissão de seus integrantes, embora composto inicialmente apenas por médicos, logo veio a acomodar uma diversidade de profissionais: filósofos, escritores, músicos. Entretanto, antes de 1910 era um grupo exclusivamente masculino.

Antes mesmo da entrada de qualquer mulher na Sociedade Psicanalítica de Viena, já havia uma série de mulheres interessadas nas ideias de Freud e que assistiam suas conferências na universidade. Para citar alguns exemplos: Dora Teleky, uma das primeiras médicas da Áustria, ginecologista, que frequentou desde 1900 até 1903-4; Aurelia Axter, Else Friedland e Gisela

¹ APPIGNANESI, L. & FORRESTER, J. *As Mulheres de Freud*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 41.

² Para mais informações sobre o cenário brasileiro, ver Rosemberg (1984), Castro e Yamamoto (1998) e também o relatório do Conselho Federal de Psicologia (2013).

Kaminer, essa última tendo contribuído com pesquisas pioneiras sobre câncer, estiveram presentes em 1906-7; Ada Hirsch (que provavelmente³ foi analisada por Freud), Clara Honigsberg e Caroline Bum em 1908-9 e Emilie Pisko, que viria a se casar com Hanns Sachs, conhecido discípulo de Freud, frequentou as conferências de 1906 a 1910⁴.

Todas estas mulheres se aproximaram da psicanálise ainda na infância do movimento, quando não havia sequer um órgão oficial para o seu ensino. A maior parte delas, porém, não chegou sequer a praticar psicanálise. Antes disso, contudo, já havia uma mulher que havia sido paciente de Freud e que veio a praticar psicanálise por um período breve: Emma Eckstein.

Emma Eckstein: a primeira psicanalista depois de Freud?

Emma Eckstein foi uma das pacientes tratadas por Freud no início de sua carreira. Há uma referência a ela no "Projeto" (1895) e alguns autores argumentam que ela também aparece em "A Interpretação dos Sonhos" (1900), no famoso sonho da injeção de Irma. Seu tratamento teve início em 1892 e aparentemente durou até 1897. De acordo com Borch-Jacobsen⁵, Freud não cobrava nada, já que ela era de uma família próxima, com quem Freud tinha laços de amizade (o irmão de Emma jogava cartas nos sábados com Freud e outros amigos).

Durante o tratamento, no início do ano de 1895, Freud pediu a seu amigo Fliess para realizar uma operação no nariz da paciente. Duas semanas depois, ela ainda apresentava dores no local e também secreções mal cheirosas. Quando um outro médico amigo de Freud, Rosanes, a examinou, descobriu que Fliess havia esquecido um pedaço de gaze no interior do nariz, que foi retirado, causando um intenso sangramento. Freud, que assistia o procedimento, se sentiu mal e teve de se retirar do local. Quando retornou, Emma o recebeu com as palavras: "Então este é o sexo forte!" Durante as semanas seguintes ela esteve bastante debilitada, com a vida em risco devido aos sangramentos frequentes, mas eventualmente se recuperou⁶.

Para além de seu valor como paciente, Emma se tornou colaboradora e aluna. Borch-Jacobsen afirma que Freud chegou a enviar-lhe uma paciente, talvez até várias. De fato, em 1897, Emma Eckstein era possivelmente a primeira pessoa⁷ a praticar psicanálise depois de Freud.

³ Essa afirmação é feita por KAPIT, H. What made me want to become a psychoanalyst. In: REPPEN, J. *Why I became a psychotherapist*. New Bergen: Jason Aronson, 1998.

⁴ APPIGNANESI & FORRESTER, op. cit., p. 299.

⁵ BORCH-JACOBSEN, M. *Os Pacientes de Freud - Destinos*. Lisboa: Texto & Grafia, 2012.

⁶ APPIGNANESI & FORRESTER, op. cit.; BORCH-JACOBSEN, op. cit., 2012.

⁷ É difícil afirmar com precisão quem teria sido a primeira pessoa a praticar psicanálise depois de Freud, mas o material existente parece indicar que esse mérito teria de ser dado a Eckstein ou a Felix Gattel, que também estudou com Freud por volta de 1897. A respeito de Gattel, ver Schröter e Hermanns (1992).

Não sabemos exatamente o desfecho dos casos que tratou, mas ela veio a publicar alguns textos, como uma resenha de "A Interpretação dos Sonhos" e um pequeno livro chamado "A Questão Sexual na Educação das Crianças", em 1904⁸.

A entrada da primeira mulher na Sociedade: Margarete Hilferding

No período anterior à entrada da primeira mulher na Sociedade, Fritz Wittels apresenta, em 1907, um trabalho com o título "Female Physicians". O texto tem um tom claramente misógino. Ele afirma que a verdadeira profissão das mulheres "é atrair homens" e que o interesse de uma mulher em estudar Medicina está baseado na vontade de superar outras mulheres. Wittels prossegue, declarando que "enquanto a mulher é ainda estudante de medicina, ela não está prejudicando ninguém além de si mesma", mas quando se forma médica, "se torna um perigo para outros". Ele aponta ainda outros problemas, pois considera que uma mulher é incapaz de entender o funcionamento psíquico de um homem (o que a impediria de seguir carreira psiquiátrica) e que se ela chegar a uma posição hierárquica superior a dos homens, abusaria do poder⁹.

Na discussão que se segue à apresentação, vemos que o grupo se divide entre aqueles que parecem concordar com a visão de Wittels (como Graf e Reitler) e os que denunciam seus equívocos e preconceitos (por exemplo, Hitschmann, Rank e, em certa medida, Adler). Freud fica no meio do caminho, já que elogia o trabalho por ser original e engenhoso, mas logo em seguida aponta que ele é formado por meias-verdades. Ele repreende Wittels pelas críticas que faz às mulheres, mas também deixa escapar seus próprios preconceitos, afirmando que "é verdade que a mulher não ganha nada estudando"¹⁰.

O que vemos nestas passagens é que o movimento psicanalítico ainda em sua fase inicial não se afastava muito do tipo de visão sobre a mulher vigente na Viena do início do século XX. O acesso das mulheres à universidade ainda era restrito nesse período. Em 1897 foram admitidas mulheres na Faculdade de Filosofia, em 1900 na de Medicina e apenas em 1919 na Faculdade de Direito. A primeira mulher a ter seu título de doutora em Medicina foi Gabriele Possanner Von Ehrenthal, em 1897. Ela havia concluído os estudos em Zurique, em 1894, e apenas três anos mais tarde foi concedida permissão para exercer a profissão, após superar uma oposição considerável e realizar um novo exame¹¹.

⁸ APPIGNANESI & FORRESTER, op. cit..

⁹ NUNBERG, H. & FEDERN, E. *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Vol. 1). New York: International Universities Press, 1962, p. 196.

¹⁰ NUNBERG & FEDERN, op. cit., p. 199.

¹¹ VIANNA, H. B. Sobre as Bases do Amor Materno: vida e obra de Margarete Hilferding. In: VIANNA, H. B., PINHEIRO, T. & HILFERDING, M. *As Bases do Amor Materno*. São Paulo: Escuta, 1991, p. 33.

Margarete Hilferding se matriculou na Faculdade de Filosofia da Universidade de Viena em 1898. Permaneceu nessa faculdade até 1900, quando se transferiu para a Faculdade de Medicina. Em 1903 recebe o título de doutora em Medicina¹².

Com relação à admissão de Margarete Hilferding na Sociedade Psicanalítica de Viena, o que podemos notar de imediato é que isso não ocorreu sem alguma oposição. Na reunião de 6 de abril de 1910, Federn a propõe como membro, mas o assunto não é discutido naquele dia devido à necessidade de resolverem questões mais urgentes. Na reunião do dia 14 de abril, Federn traz novamente à tona sua proposta e durante a discussão que se segue, Sadger declara se opor à admissão de mulheres¹³.

Adler se posiciona a favor da admissão de médicas e também de outras mulheres interessadas seriamente em psicanálise. Freud afirma que seria uma enorme inconsistência excluir a participação de mulheres por princípio. Logo após é realizada uma votação preliminar, que resulta em três votos contrários à admissão de mulheres em um total de onze. Adler então encaminha o assunto para o comitê executivo.

A votação acaba sendo adiada até o dia 27 de abril. Nessa ocasião, ela é eleita com 12 votos a favor e 2 contra. Wittels, ausente na reunião, envia uma carta com sua opinião, que foi lida extra-oficialmente (não há registro do conteúdo da carta, mas é possível supor que fosse coerente com a postura já demonstrada em seu texto de 1907)¹⁴.

De toda forma, a participação de Hilferding na Sociedade Psicanalítica de Viena teve duração limitada: começou a frequentar as reuniões em 4 de maio de 1910 e abandonou o grupo em 11 de outubro de 1911, junto com vários outros membros que apoiaram Adler em sua controvérsia com Freud.

Durante esse período em que participou da Sociedade Psicanalítica de Viena, Hilferding apresentou apenas um trabalho, discutido na reunião de 11 de janeiro de 1911. Seu texto, com o título "On the basis of mother love", parte da observação freqüente de mães que esperavam com ansiedade pelo nascimento do filho, mas que se mostram desapontadas quando isso ocorre e não demonstram nenhum tipo de amor materno. Ela supõe que em alguns casos, a ausência desse amor provoca o surgimento de uma espécie de simpatia, possivelmente assentada em uma exigência cultural (que se esperaria de uma mãe um amor dessa natureza)¹⁵.

Hilferding prossegue afirmando que esse amor materno deveria surgir logo após o nascimento, ou talvez até mesmo antes. Ela constata não ser esse o caso, e a não existência desse amor se torna evidente na recusa da mãe de

¹² VIANNA, op. cit., 1991.

¹³ BALSAM, R. M. Women of the Wednesday Society: the presentations of Drs. Hilferding, Spielrein and Hug-Hellmuth. *American Imago*, p. 303-342, 2003; NUNBERG, H., & FEDERN, E. *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Vol. 2). New York: International Universities Press, 1967.

¹⁴ NUNBERG & FEDERN, op. cit..

¹⁵ NUNBERG, H., & FEDERN, E. *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Vol. 3). New York: International Universities Press, 1974.

cuidar da criança, ou até mesmo na vontade de se desfazer dela. Essa rejeição do filho pode chegar aos extremos de maus tratos e até infanticídio. Ela chama a atenção para o fato de geralmente se considerar a mãe que mata o filho como perturbada, hipótese que não é necessariamente válida. Esse tipo de impulso hostil pode também ser convertido em seu oposto, se tornando amor excessivo.

Diante dessas observações, conclui que “não há amor materno inato”¹⁶. Esse amor, porém, pode ser evocado através do contato físico entre a mãe e a criança. Na realidade, mesmo ainda durante a gestação, a mãe obtém algum prazer com os movimentos do feto e Hilferding supõe que a perda dessa satisfação com o nascimento da criança possa contribuir para o surgimento de uma aversão a ela.

Como Balsam (2003) indica, houve alguma resistência às ideias de Hilferding no grupo. Os comentários por vezes desviavam a discussão da relação da mãe e da criança para o pai, ou eram declarações que colocavam em questão a validade das afirmações da autora. Até mesmo Freud parecia discordar de boa parte do que ela apresentou, embora também tenha declarado que “é digno de elogio que a palestrante tenha realizado uma investigação psicanalítica de um tópico que, como resultado da convenção que mantemos, tinha sido mantido de fora de nossas pesquisas”¹⁷.

Quem pareceu ser capaz de compreender e discutir de forma mais detalhada o trabalho foi Adler, que colocou ênfase na hostilidade e agressividade presentes na relação da mãe com a criança.

De toda forma, Hilferding encerra a discussão concluindo que foi, em certa medida, incompreendida. Ela tenta ainda comentar algo sobre os aspectos fisiológicos e psicológicos do amor materno, mas não fica claro o que pretendia dizer com isso.

Como ela não permanece por muito tempo no movimento psicanalítico, suas ideias parecem não sobreviver no grupo após sua saída em outubro de 1911. Ela veio a se tornar, após a 1ª Guerra Mundial, presidente da Sociedade de Psicologia Individual de Viena (fundada por Adler após a ruptura com Freud) e continuou interessada no tema da maternidade. Ela morreu em um campo de concentração em 23 de setembro de 1942. Ainda se passaria quase uma década antes que os psicanalistas passassem a investigar seriamente as questões levantadas por ela em 1911. Suas ideias pioneiras sobre maternidade, feminilidade e relações primárias da criança com a mãe ganhariam destaque apenas na década de 1920 (e mesmo assim, sem referências a sua contribuição), quando outras autoras se interessariam por estes temas, como veremos adiante.

¹⁶ NUNBERG, H., & FEDERN, E. *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Vol. 3). New York: International Universities Press, 1974, p. 114.

¹⁷ NUNBERG & FEDERN, op. cit., 1974, p. 118.

Sabina Spielrein, a pulsão de morte e a psicanálise na Rússia

Sabina Spielrein foi a segunda mulher aceita na Sociedade Psicanalítica de Viena. Curiosamente, ela foi aprovada como membro na mesma noite que Hilferding se desligou, em 11 de outubro de 1911. Não houve qualquer polêmica ou controvérsia em sua entrada, e ela participou das reuniões somente até março do ano seguinte (apesar de ainda constar como membro da Sociedade até 1914).

Dentre as primeiras psicanalistas, ela talvez seja a mais conhecida nos dias atuais, o que não significa que sua obra seja devidamente apreciada. O interesse dedicado a ela passa muitas vezes por seu envolvimento com Jung e os conflitos que se desenvolveram a partir disso. Focando nesse aspecto escandaloso de sua vida, foi lançado em 2011 um filme, "Um Método Perigoso", que contribuiu para atrair atenção para a vida de Spielrein.

Há uma extensa bibliografia sobre Sabina, e acompanhar detalhadamente sua vida exigiria mais espaço do que é possível no presente artigo. Remetemos os leitores a alguns dos principais estudos de sua vida e obra¹⁸. Tentaremos manter o foco em sua participação na Sociedade Psicanalítica de Viena e na sua principal contribuição teórica, o artigo "A Destruição como Origem do Devir".

Sabina Nikolaievna Spielrein nasceu em 25 de outubro de 1885 em Rostov, Rússia. No ano de 1904 é internada no hospital psiquiátrico Burghölzli, em Zurique, onde recebeu tratamento até junho de 1905. Quem a tratou, fazendo uso da psicanálise, foi Jung, que nos anos seguintes se tornaria o favorito de Freud.

Assim que recebeu alta, iniciou os estudos de Medicina na Universidade de Zurique, que concluiu em 1911 com uma tese sobre o tratamento psicanalítico de uma paciente esquizofrênica. Nesse mesmo ano, se muda para Viena e passa a fazer parte da Sociedade Psicanalítica de Viena, como já havíamos indicado. Seu trabalho mais conhecido, "A Destruição como Origem do Devir", já estava sendo escrito quando morava na Suíça (Jung a estava ajudando na redação do artigo) e quando chega na capital austríaca apresenta uma versão resumida do trabalho para os colegas vienenses.

O texto apresentado, intitulado "On Transformation", expunha a hipótese de um componente destrutivo da pulsão sexual. Spielrein utiliza como suporte a suas ideias elementos da mitologia e literatura, o que rendeu algumas críticas de Freud (bem como de outros presentes), embora tais críticas pareçam, na realidade, dirigidas a Jung¹⁹. Ela declara, ao final do debate, que falhou na

¹⁸ Ver principalmente CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein - Uma pioneira da psicanálise*. São Paulo: Livros da Matriz, 2014; COVINGTON, C. & WHARTON, B. *Sabina Spielrein - forgotten pioneer of psychoanalysis*. New York: Routledge, 2003 e RICHEBÄCHER, S. *Sabina Spielrein - De Jung a Freud*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

¹⁹ O próprio Freud afirma: "A apresentação em si mesma nos fornece oportunidade para uma crítica a Jung (...)", e prossegue questionando a forma como ele interpreta material mitológico. NUNBERG & FEDERN, op. cit., 1974, p. 335.

tentativa de demonstrar os pontos principais de sua teoria, e esclarece algumas idéias, sem muitos detalhes²⁰.

No ano seguinte, o tema da apresentação aparece finalmente publicado em sua obra "A Destruição como Origem do Devir". Nesse texto, Spielrein expõe toda uma série de hipóteses originais, principalmente a noção de um masoquismo primário e a existência de um componente destrutivo da pulsão sexual (comumente visto como o precursor do conceito de pulsão de morte)²¹.

Em 1912, Spielrein deixa Viena e, embora existam indícios de que planejou retornar, isso nunca ocorreu²². Ela se casou com Pavel Scheftel em Rostov e no intervalo de uma década passa por várias cidades. Mora por dois anos em Berlim, onde nasce sua primeira filha. Passa um breve período em Zurique, em que o marido a abandona e retorna para a Rússia, e em 1915 se muda para Lausanne, onde fica até 1920. Os três anos seguintes são passados em Genebra, onde trabalha no Instituto Jean-Jacques Rousseau e conhece Claparède e Piaget (que é analisado por ela). Spielrein dá aulas no Instituto sobre psicanálise educativa, e diversas conferências para leigos. Em 1922, tanto ela quanto Piaget participam do VII Congresso Internacional de Psicanálise em Berlim, e a influência de um sobre o outro é visível, já que citam-se mutuamente em suas palestras²³.

Em 1923 decide retornar à Rússia, primeiro a Moscou, onde é a psicanalista com melhor formação. Faz parte da presidência da Associação Psicanalítica Russa e é uma das responsáveis pelos cursos científicos do Instituto Psicanalítico Estatal. Parte finalmente para Rostov em 1924 e retoma o casamento com Pavel Scheftel, a que se segue, em 1926, o nascimento de sua segunda filha. A situação política da Rússia se torna mais instável: em 1930 a Sociedade Psicanalítica Russa é dissolvida e em 1933 a prática da psicanálise é proibida.

Spielrein sobrevive trabalhando como médica. Boa parte de sua família é fuzilada na década de 1930 por acusações de participação em organizações contra-revolucionárias. No início da década de 1940, o exército alemão invade Rostov e Sabina Spielrein, suas duas filhas e milhares de judeus são assassinados.

Ao longo de sua carreira como psicanalista, publica uma grande variedade de trabalhos. Seus mais de 30 artigos tratam de temas que vão desde psicoses à psicanálise de crianças. Mesmo com uma produção tão extensa, permaneceu largamente desconhecida até a década de 1970, quando foram descobertos documentos e cartas deixadas por ela sob os cuidados de Claparède.

²⁰ NUNBERG & FEDERN, op. cit., 1974.

²¹ Embora não seja possível analisar os argumentos do texto em detalhes, o leitor interessado pode encontrar mais informações sobre sua real contribuição para a criação da pulsão de morte em CROMBERG, op. cit., 2014 e SILVA, M. V. *A Construção da Pulsão de Morte Freudiana: um estudo histórico da criação do conceito a partir de suas fontes*. Montes Claros: Editora Unimontes, No prelo.

²² Ela havia combinado com Freud de submeter-se à análise para a "correção de sua dependência de Jung". RICHEBÄCHER, op. cit., p. 182.

²³ Ibid.

Em fevereiro de 1912 uma outra mulher se junta à Sociedade Psicanalítica de Viena. Trata-se da também russa Tatjana Rosenthal, que, assim como Spielrein, estudou Medicina em Zurique²⁴. Ela aparece listada como membro da Sociedade entre 1912 e 1914²⁵.

Ela nasceu em São Petersburgo em 1884, de família judia. Desde muito cedo já tinha envolvimento com causas políticas, o que fica evidente em seu engajamento com o movimento operário, como presidente da Associação de Estudantes de Moscou. Em 1906 foi a Zurique, onde escolheu estudar Medicina e se especializou em psiquiatria. Em 1911 conclui os estudos e retorna à Rússia para divulgar as ideias freudianas. Em 1919 recebe o cargo de diretora da Clínica de Tratamento de Psiconeuroses, no Instituto de Pesquisas sobre Patologia Cerebral, dirigido por Vladimir Bekterev. Nessa instituição, ainda em 1919, profere uma série de conferências sobre psicanálise. Ela participa ativamente da implantação da psicanálise no país, e teve particular influência no campo de tratamento de crianças. Foi uma das idealizadoras, junto com Vera Schmidt, do Lar Experimental para Crianças, onde as crianças eram educadas seguindo princípios da psicanálise e também do marxismo. Suicidou-se em 1921, em circunstâncias não muito claras. Seus textos são pouco conhecidos, e o mais famoso trata de Dostoiévski²⁶.

Hermine Hug-Hellmuth e a psicanálise de crianças

Hermine Wilhelmina Ludovika Von Hugenstein, conhecida como Hermine Hug-Hellmuth (nome adotado inicialmente como pseudônimo de escritora a partir de 1910), nasceu em 31 de agosto de 1871 em Viena, em uma família nobre. Seu pai perdeu toda a fortuna em uma crise da bolsa em 1873 e sua mãe veio a falecer de tuberculose por volta de 1883²⁷.

Tornou-se professora, profissão que exerce até 1910. Ainda em 1897, ingressa na Universidade de Viena, embora possivelmente apenas como ouvinte (a universidade havia sido aberta a mulheres nesse mesmo ano). Seu pai morre no ano seguinte e ela vai a Praga, onde trabalha nos anos seguintes, ainda com planos de obter uma formação universitária. Retorna à Universidade de Viena em 1904, e, em 1909, obtém o grau de doutora em filosofia, com uma tese intitulada "Pesquisas sobre as propriedades físicas e químicas dos depósitos radioativos nos polos positivos e negativos"²⁸.

²⁴ Ibid., p. 179.

²⁵ NUNBERG, H., & FEDERN, E. *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Vol. 4). New York: International Universities Press, 1975, p. 308-310.

²⁶ CROMBERG, R. U. Primeiras Psicanalistas. *Percurso*, 45, 2010; RICE, J. *Freud's Russia*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1993.

²⁷ PLASTOW, M. Hermine Hug-Hellmuth, the first child psychoanalyst: legacy and dilemmas. *Australasian Psychiatry*, 2011, p. 206-210.

²⁸ CROMBERG, op. cit., 2010; ORELLANA, R. V. Hermine Hug-Hellmuth, pionera del psicoanálisis del niño. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatria*, 24, 2004, p. 131-142;

Em 1907, Isidor Sadger, membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, passa a ser médico da família Hug e, por cerca de três anos, analisa Hermine. É a partir desse contato que ela se interessa pela psicanálise e é também por sugestão de Sadger que ela é aceita como membro da Sociedade em 8 de outubro de 1913 (contrariando a postura anterior de Sadger, que rejeitava a presença de mulheres no grupo)²⁹.

Nas reuniões da Sociedade, apresenta dois trabalhos: "Sobre alguns ensaios de Stanley Hall e sua escola, sob o ponto de vista da psicanálise" e "Jogos infantis". Seus trabalhos publicados foram numerosos (mais de trinta artigos), e apareceram entre os anos de 1911 e 1924 nos periódicos psicanalíticos da época. Eles tratam principalmente da psicanálise de crianças, motivo pelo qual ela é geralmente considerada a primeira analista de crianças.

Seu primeiro texto, "Análise de um sonho de um menino de cinco anos", publicado em 1911, ainda não propõe nenhum tipo de terapia, apenas tenta confirmar a teoria freudiana dos sonhos como realização de desejos aplicada aos sonhos de crianças. Seu trabalho "A vida psíquica da criança – um estudo psicanalítico" (possivelmente escrito em 1913, mas publicado mais tarde, em 1918) fornece também confirmação de ideias de Freud sobre o complexo de Édipo, angústia de castração, etc., fazendo uso de observações diretas de crianças. Em seguida, em seu texto de 1914, "A psicanálise da criança e a pedagogia", já apresenta uma posição do psicanalista de crianças mais próxima de um educador do que de um terapeuta, o que foi muito debatido à época. Ela desenvolve esse tema em diversos artigos ao longo da década³⁰.

Em 1920, apresenta no Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Haia um trabalho com o título "Sobre a Técnica da Psicanálise de Crianças" (que veio a ser publicado no ano seguinte). Estavam presentes a essa conferência Anna Freud e Melanie Klein, que posteriormente se destacariam no campo da psicanálise infantil. O trabalho de Hug-Hellmuth diferenciava a análise de adultos da de crianças, atribuindo a esta última um caráter mais pedagógico, já que o paciente se encontra ainda em formação. Esse ponto também seria alvo de polêmica posteriormente, e chegaria a dividir o movimento psicanalítico na década de 1940³¹.

Provavelmente as circunstâncias conturbadas de sua morte, tendo sido assassinada por seu sobrinho Rolf³², que supostamente era também seu paciente, contribuíram para o relativo silêncio que se abateu sobre sua vida e obra. Ela também havia deixado orientações em seu testamento para que não se referissem a ela (tanto com relação a sua vida, quanto sua obra) após sua

GEISSMANN, C. & GEISSMANN, P. *A History of Child Psychoanalysis*. London & New York: Routledge, 1998.

²⁹ ORELLANA, op. cit., 2004.

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.; MÜHLEITNER, E. Hermine Hug-Hellmuth von Hugenstein. In: MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 898-899; GEISSMANN & GEISSMANN, op. cit., 1998; PLASTOW, op. cit., 2011.

³² Para mais informações sobre esse fato, e a comoção que se seguiu, ver ORELLANA, op. cit., 2004, p. 134-135.

morte³³. Sendo assim, mesmo com uma produção bastante rica³⁴ e tendo sido pioneira no campo da psicanálise de crianças, por vezes é colocada em posição secundária (quando é lembrada).

Lou Andreas-Salomé

Louise Von Salomé, ou Lou Andreas-Salomé, como é geralmente conhecida, nasceu em São Petersburgo, em 12 de fevereiro de 1861. Recebeu a maior parte de sua educação em casa e aos 19 anos decidiu entrar para a Universidade de Zurique, onde pretendia se dedicar ao estudo da filosofia e história da religião. Seus estudos na universidade, porém, foram interrompidos cerca de um ano depois devido a uma doença.

Entre 1883 e 1903, viveu em Berlim e dessa data até 1937 passou a morar em Göttingen, de onde viajava para diversas cidades por períodos mais ou menos extensos. Em 1911, entra em contato direto com a psicanálise ao participar do congresso de Weimar. Ela já conhecia a obra de Freud³⁵, e no ano seguinte decide ir a Viena, onde passa a frequentar as reuniões da sociedade psicanalítica local. Freud até mesmo concedeu a ela que frequentasse, ao mesmo tempo, as reuniões do grupo de Adler, algo que era vetado a qualquer membro do movimento psicanalítico na época. Ela permaneceu em Viena até abril de 1913³⁶.

Desde meados de 1880, Lou já era uma autora e crítica literária reconhecida. Seu contato com diversos filósofos, intelectuais e escritores da época demonstravam o quanto ela transitava pelo meio artístico e acadêmico. Como psicanalista, chegou a escrever alguns trabalhos e atender pacientes em sua casa em Göttingen, além de ter mantido uma extensa correspondência com Freud até o fim de sua vida. Freud a tinha em alta conta, o que fica evidenciado no obituário que escreveu na ocasião de sua morte, em 5 de fevereiro de 1937³⁷.

Sua produção teórica não é muito numerosa, o que pode ajudar a compreender o impacto limitado de suas ideias. Publica em 1914 um artigo intitulado "Sobre o Feminino", em que desenvolve alguns pressupostos

³³ Um resumo sobre a produção bibliográfica referente à Hug-Hellmuth pode ser encontrado em GEISSMANN & GEISSMANN, op. cit., 1998.

³⁴ Comentários sobre alguns de seus principais trabalhos podem ser encontrados em PLASTOW, op. cit., 2011, bem como esclarecimentos sobre seu papel de precursora da obra de Anna Freud.

³⁵ Em agosto de 1911, em uma viagem a Estocolmo, manteve contato com Poul Bjerre, com quem discutia psicanálise. Logo após o congresso de Weimar, passou um período em Berlim, onde travou conhecimento com Abraham, no início de 1912. Ver PFEIFFER, E. *Sigmund Freud and Lou Andreas-Salomé: Letters*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

³⁶ PFEIFFER, op. cit., 1972.

³⁷ Ibid. e FREUD, S. *Lou Andreas-Salomé*. In: FREUD, S. Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 315.

freudianos apresentados no famoso “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, de 1905. Nessa obra, discute a diferença entre os sexos e a passividade feminina, em oposição à atividade conflituosa que teria lugar nos homens. Em 1916 publica um artigo sobre erotismo anal que é muito elogiado por Freud. Seu texto mais extenso, “Narcisismo como Dupla Orientação”, de 1921, expande as formulações freudianas sobre o tema, fornecendo uma versão mais extensa e generalizada do conceito, ao propor que o narcisismo não se refere apenas a uma espécie de egoísmo, mas pode também se revelar numa fusão com o mundo, uma dissolução dos limites do ego³⁸.

Ao que parece, o papel de Lou Andreas-Salomé como divulgadora das ideias de Freud no meio intelectual europeu teve um efeito mais duradouro do que seus textos psicanalíticos. A impressão é de que a psicanálise significou mais para ela do que ela para a psicanálise.

Karen Horney: a primeira grande feminista da psicanálise

Karen Clementina Theodora Danielsen (posteriormente conhecida como Karen Horney) nasceu em 16 de setembro de 1885, em uma pequena vila chamada Eilbeck, próxima a Hamburgo. Entra para a Universidade de Freiburg em 1906 (diversas universidades alemãs ainda impunham restrições a mulheres, o que influenciou sua escolha), onde estuda Medicina. Nessa época conhece Oskar Horney, com quem viria a se casar³⁹.

Em 1908, muda-se para Göttingen para realizar sua residência médica. No ano seguinte, já instalada em Berlim, casa-se com Oskar, e nos anos posteriores dá a luz a três filhas. Começa a se dedicar ao estudo da psiquiatria, logo se interessando pela psicanálise (mesmo contra o conselho de vários de seus professores). Em 1910 passa a ser analisada por Abraham (por cerca de um ano e meio)⁴⁰.

Horney começou a tratar pacientes em 1912 e foi uma das fundadoras do Instituto de Psicanálise de Berlim em 1920, onde lecionou durante quase 12 anos (sendo a primeira mulher a dar aulas no local).

Em 1922, no Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Berlim, apresentou um trabalho que colocava em questão a forma como os psicanalistas pensavam o complexo de castração, se dirigindo principalmente a Abraham e Freud. Sua apresentação, com o título “Sobre a gênese do complexo de castração nas mulheres” criticava o modo como as mulheres eram tratadas na teoria psicanalítica, embora ainda de maneira discreta⁴¹.

Em 1926, porém, é bastante direta em seu ensaio “The Flight from Womanhood”, publicado em um volume em honra ao aniversário de 70 anos de

³⁸ APPIGNANESI & FORRESTER, op. cit, 2010.

³⁹ HITCHCOCK, S. T. *Karen Horney - Pioneer of feminine psychology*. New York: Chelsea House Publishers, 2005.

⁴⁰ HITCHCOCK, op. cit.; PARIS, B. Karen Horney-Danielsen. In: MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 895-897.

⁴¹ HITCHCOCK, op. cit..

Freud. Nesse texto, aponta que a psicanálise é criação de um homem, e que quase todos que contribuíram para seu desenvolvimento são também homens. Segundo ela, por esse motivo seria compreensível que a psicanálise tenha se tornado mais uma psicologia masculina e que seja capaz de explicar melhor o desenvolvimento de homens do que o das mulheres.

Ela prossegue atacando a noção de inveja do pênis e atribui o sentimento de inferioridade experimentado por algumas mulheres a fatores sociais. Horney parecia acreditar que seu texto desencadearia debates e discussões acirradas. Nada disso ocorreu, porém. Mesmo Freud ainda demorou cinco anos para comentar estas proposições em sua conferência sobre a feminilidade, e, nessa ocasião, a coloca lado a lado com uma série de outras autoras, o que de algum modo diluiu o impacto de seus argumentos⁴².

Em 1926, Horney se separa de Oskar e em 1932 se muda para os Estados Unidos. Passa a dirigir o Instituto Psicanalítico de Chicago, mudando-se para Nova Iorque dois anos depois e ingressando no instituto dessa cidade. A partir da década de 1930, começa a se afastar da psicanálise clássica de forma visível, e após seus trabalhos "A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo" (1937) e "Novos Rumos na Psicanálise" (1939) é geralmente vista como pertencendo ao grupo dos chamados neofreudianos, também referidos como "Escola Cultural". Em 1941, organizou a Academia Americana de Psicanálise, que presidiu até 1952, ano em que morreu, em 4 de dezembro⁴³.

Jeanne Lampl-de Groot

Na década de 1920, algumas mulheres passaram a cercar Freud e ter maior participação em sua vida pessoal e também em sua produção teórica. Dentre as mulheres que se aproximaram de Freud e da Psicanálise nesse período, temos Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick, Marie Bonaparte, entre outras.

Jeanne Lampl-de Groot nasceu em 16 de outubro de 1895 em Schiedam, Holanda. Era a terceira filha de uma família rica (de quatro filhos). cursou Medicina na Universidade de Leyde e em Amsterdam, doutorando-se em 1921. Durante seus estudos, leu por acaso "A Interpretação dos Sonhos", de Freud. Quando concluiu seus estudos, escreveu a ele pedindo que a instrísse com relação à psicanálise. Em abril de 1922 vai a Viena e começa a estudar com Freud, participando de conferências e seminários da Sociedade Psicanalítica de Viena⁴⁴.

Em Viena, além de estudar psicanálise, também estava se formando em psiquiatria na clínica de Wagner-Jauregg. Com sua formação concluída, vai a

⁴² HITCHCOCK, op. cit., 2005.

⁴³ PARIS, op. cit., 2005.

⁴⁴ VERHAGE-STINS, E. Jeanne Lampl-de Groot. In: MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 1062-1063.

Berlim, onde conhece Hans Lampl, com que se casou, mas retorna a Viena com a ascensão de Hitler ao poder. Em 1938, muda-se com a família para a Holanda fugindo da ameaça nazista.

Com relação a sua produção teórica, seus trabalhos versam principalmente sobre o conceito de narcisismo e psicologia feminina. Em um de seus mais importantes artigos, "The Evolution of the Oedipus Complex in Women" (1927), Lampl-de Groot se insere no debate sobre a sexualidade feminina que já se desenrolava desde o início da década. Ela se refere a textos de Abraham, Alexander, Deutsch, Horney, Van Ophuijsen e Freud para apontar que as discussões sobre as primeiras ligações libidinais se baseiam num modelo masculino e (referindo-se principalmente a Freud) não são capazes de lançar luz sobre uma série de questões relativas ao desenvolvimento sexual da menina.

Lampl-de Groot coloca em destaque a relação da menina com sua mãe, fazendo o complexo de castração tomar uma posição secundária na explicação da sexualidade feminina. Essa hipótese, como comenta Chodorow⁴⁵, força Freud a revisar sua teoria e concordar que, de fato, as meninas, assim como os meninos, começam suas vidas ligadas libidinalmente a suas mães.

Tomando outro aspecto da contribuição de Lampl-de Groot, temos a sua participação no estabelecimento da psicanálise na Holanda. Ela é uma das fundadoras, em 1946, do Instituto Psicanalítico Holandês. Em 1950, organiza em Amsterdam o primeiro congresso de psicanalistas europeus após a guerra. Em 1963 é nomeada vice-presidente honorária da IPA. Em 1970 recebe o título de doutora honoris causa da Faculdade de Medicina de Amsterdam e a Associação Psicanalítica Alemã a nomeia membro honorário, assim como a Sociedade Holandesa de Psiquiatria e Neurologia. Em 1985, como celebração de seu aniversário de 90 anos, amigos e colegas publicam uma coletânea de suas contribuições. Ela morre em Amsterdam, em 5 de abril de 1987⁴⁶.

148

Ruth Mack Brunswick

Ruth Jane Mack, nascida em 17 de fevereiro de 1897 em Chicago. Casou-se em 1917 com Hermann Ludwig Blumgart (se divorciando em 1924). Teve sua entrada em Harvard proibida (por ser mulher) e por essa razão cursou Medicina na Tufts Medical School, concluindo sua residência em psiquiatria em 1922⁴⁷.

Nesse mesmo ano, decide ir a Viena consultar Freud. Passa a estudar psicanálise e também ser analisada por Freud (sua análise, com interrupções,

⁴⁵ CHODOROW, N. *The Reproduction of Mothering - Psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press, 1978, p. 95.

⁴⁶ VERHAGE-STINS, op. cit., 2005.

⁴⁷ WARNER, L. Ruth Mack Brunswick In: HYMAN, P. & OFER, D. Jewish Women: a comprehensive historical encyclopedia. Disponível em Acesso em <<http://jwa.org/encyclopedia/article/brunswick-ruth-mack>>. Data de acesso: 24 de Fevereiro de 2015.

parece ter durado até 1938). Torna-se próxima de Freud, encaminhando a ele os norte-americanos que pretendiam vir a Viena para análise. Freud parecia confiar em sua capacidade, e prova disso foi ter enviado a ela para continuar o tratamento um de seus pacientes mais conhecidos, o “Homem dos Lobos”, em 1926⁴⁸.

Em 1928 casou-se novamente, dessa vez com Mark Brunswick (de quem se divorciou em 1945), músico e compositor que também era analisado por Freud. Participou da Sociedade Psicanalítica de Viena, e lecionou no Instituto de Psicanálise.

No decorrer da década de 1930, tornou-se viciada em morfina. Em 1938 vai para a Inglaterra seguindo Freud e no ano seguinte retorna aos Estados Unidos, se tornando membro da Sociedade Psicanalítica de Nova Iorque. Durante esse período, ajudou colegas psicanalistas judeus a sair da Europa e migrar para os EUA. Com problemas pessoais e de saúde, prescrevia drogas a si mesma, o que aparentemente contribuiu para sua morte, ao sofrer uma queda e bater com a cabeça, em 25 de janeiro de 1946⁴⁹.

Com relação a sua contribuição teórica, esteve entre as analistas que discutiam a sexualidade feminina e a relação da menina com a mãe, forçando Freud a revisar suas proposições no final da década de 1920 e início da década de 1930. Brunswick foi possivelmente a primeira pessoa a usar o termo “pré-edípico”⁵⁰, já que seus escritos tinham como foco a relação primária com a mãe. Mesmo assim, como indica Chodorow⁵¹, ela se mantinha de acordo com Freud em diversos pontos, considerando a menina em seus primeiros anos idêntica ao menino, com relação ao seu desenvolvimento sexual.

Marie Bonaparte

Marie Léon Bonaparte nasceu em 2 de julho de 1882 em Saint-Cloud. Sua mãe morreu algum tempo após o parto, razão pela qual foi criada pelo pai e pela avó paterna. Embora tivesse intenção de estudar Medicina, foi impedida pelo pai. Mesmo assim, era freqüentadora assídua de conferências e apresentações de pacientes no hospital Saint-Anne em Paris. Casou-se em 1907 e nos anos seguintes deu a luz a dois filhos⁵².

Seu contato inicial com a psicanálise se dá ao ler “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”, que havia sido publicada em francês recentemente, ao cuidar do pai enfermo, em seu leito de morte, em 1924. No

⁴⁸ ROAZEN, P. Ruth Mack Brunswick. In: MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 272-273.

⁴⁹ ROAZEN, P. *Freud and his Followers*. New York: Da Capo Press, 1992.

⁵⁰ ROAZEN, op. cit., 1992, p. 248.

⁵¹ CHODOROW, op. cit., 1978, p. 146.

⁵² THOMPSON, N. Marie Bonaparte's Theory of Female Sexuality: Fantasy and Biology. *American Imago*, 60, 2003, p. 343-378.

ano seguinte, se torna paciente de Freud, tendo sido analisada de 1925 a 1929 (retornando para sessões isoladas após essa data). Ela logo decide estudar psicanálise e psiquiatria, o que fazia informalmente, já que não cursava a universidade⁵³.

Seus textos tratam principalmente de questões referentes à sexualidade feminina, e ela está entre o grupo de autoras que contribuiu para as reformulações que Freud faz em sua teoria na década de 1930. Escreveu também artigos sobre a guerra e uma obra em dois volumes sobre Edgar Allan Poe, publicada em 1933.

Sua maior contribuição, entretanto, foi na organização e expansão da psicanálise na França. Participou da fundação da Sociedade Psicanalítica de Paris, traduziu textos de Freud para o francês e, posteriormente, ajudou Freud e sua família a escapar da Viena ocupada pelos nazistas. Também financiava periódicos de psicanálise, como a *Revue Française de Psychanalyse*. De modo similar, quando a editora psicanalítica passou por dificuldades financeiras em 1929, foi Marie quem forneceu o apoio para salvá-la do risco de falência. Marie morre de leucemia em 21 de setembro de 1962 em Saint-Tropez⁵⁴.

Antes mesmo da chegada de Marie Bonaparte a Paris, outra psicanalista já tentava implantar efetivamente a doutrina freudiana na França. Eugénie Sokolnicka (sobrenome de solteira Kutner), nasceu em 14 de junho de 1884 em Varsóvia, em uma família judaica abastada. Estuda biologia na Sorbonne, em Paris, onde obtém uma licenciatura em ciências. Também frequentou as aulas de Pierre Janet. Algum tempo após seu casamento, vai a Zurique estudar com Jung no Burghölzli. Dois anos depois, em 1913, decide ir a Viena, onde é analisada por Freud por cerca de um ano. Em 1916 se torna membro da Sociedade Psicanalítica de Zurique e também da de Viena. No ano seguinte, retorna à Polônia, com intenção de fundar uma sociedade de psicanálise em sua cidade natal⁵⁵.

Esse plano acaba fracassado e, em 1920, Sokolnicka vai a Budapeste, onde se submete à análise com Ferenczi, por aproximadamente um ano. No ano seguinte muda-se para Paris, onde tinha contato próximo com o meio literário e um grupo de escritores e poetas passou a se reunir em sua casa semanalmente (eles chamavam a si mesmos de *Club des Refoulés*). Em 1922, proferiu conferências sobre psicanálise na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e foi admitida no hospital psiquiátrico de Sainte-Anne, participando de reuniões e apresentações de pacientes por um período curto (ela abandonou o hospital três meses depois, por acreditar que não a estavam levando a sério)⁵⁶.

⁵³ BOURGERON, J.-P. Marie Léon Bonaparte. In: MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 249-250; STEIN-MONOD, C. Marie Bonaparte. In: ALEXANDER, F., EISENSTEIN, S. & GROTHJAHN, M. *Psychoanalytic Pioneers*. New York and London: Basic Books, 1966, p. 399-414.

⁵⁴ STEIN-MONOD, op. cit., 1966.

⁵⁵ MIJOLLA, A. Eugénie Sokolnicka-Kutner. In: MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 1768-1769; APPIGNANESI & FORRESTER, op. cit., 2010.

⁵⁶ MIJOLLA, op. cit., 2005; GEISSMANN & GEISSMANN, op. cit., 1998.

Sokolnicka analisou René Laforgue, Edouard Pichon e Sophie Morgenstern, que viriam a ter papel de relevância na psicanálise francesa. Porém, não sendo médica, encontrava muita resistência no meio psiquiátrico. Em 1926, foi uma das fundadoras da Sociedade Psicanalítica de Paris. De acordo com Geissmann e Geissmann, uma série de fatores (não ter formação médica, seu interesse por psicanálise infantil, sua personalidade difícil) contribuíram para que, no início da década de 1930, Sokolnicka fosse lentamente desaparecendo do cenário psicanalítico francês. Em 19 de maio de 1934, ela comete suicídio.

Seus principais trabalhos se referem à psicanálise de crianças, sendo "Análise de um Caso de Neurose Obsessiva Infantil", de 1920, o mais famoso. Também chegou a fazer experimentos com análises mais curtas. Entretanto, a maior parte de sua produção se dava na forma de palestras e conferências, de modo que pouca coisa sobreviveu⁵⁷.

Helene Deutsch

Helene Rosenbach nasceu em 09 de outubro de 1884, em Przemysl - uma antiga cidade fortificada de porte médio na Galícia de língua polonesa, na fronteira ucraniana do Império Austro-Húngaro - e morreu, aos 98 anos, em 29 de março de 1982, em Massachusetts, nos Estados Unidos⁵⁸.

Era de família burguesa e contrariou os anseios da mãe de que se tornasse uma dona de casa exemplar, para formar-se em medicina, na Universidade de Viena. Foi preciso que ela fugisse de casa para negociar com os pais seu retorno em troca de que a ajudassem a conseguir acesso à Universidade⁵⁹.

Conheceu o marido, Félix Deutsch, na faculdade. Sionista, vienense e da mesma idade que Helene, Félix era um médico eminente, que também se tornou analista e é apontado como um dos pioneiros da medicina psicossomática. Casaram-se em Viena, em 1912⁶⁰.

Após formar-se em medicina, em 1915, Helene trabalhou com figuras renomadas da psiquiatria como Emil Kraepelin e Julius Wagner-Jauregg, sucessor de Richard von Krafft-Ebing.

Sua entrada na psicanálise se deu em 1911, quando leu a Interpretação dos sonhos e passou a acompanhar o seminário de Victor Tausk, que viria a se tornar, posteriormente, seu primeiro cliente, a pedido de Freud. Em 1918 passou a assistir regularmente às reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual se tornou membro em 13 de março desse ano. Como condição para sua

⁵⁷ GEISSMANN & GEISSMANN, op. cit., 1998.

⁵⁸ SAYERS, J. *Mães da Psicanálise: Helene Deutsch, Karen Horney, Anna Freud, Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

⁵⁹ APPIGNANESI & FORRESTER, op. cit, 2010, p. 35.

⁶⁰ Ibid., p. 39.

entrada no grupo, Helene teve que comentar o artigo “Vaginal e Anal”, de Lou Andréas Salomé.

Helene Deutsch foi uma das primeiras mulheres a integrar a Sociedade Psicanalítica de Viena. Fez análise com Freud e também foi supervisionada por ele. Sua primeira saída de Viena se deu por problemas no casamento e desejo de fazer uma análise com Abraham. Mudou-se para Berlim em 1923, onde morou no mesmo hotel que Melanie Klein. Sua segunda e definitiva saída de Viena foi em 1935, como tantos outros por causa do nazismo, mudando-se para Boston, nos Estados Unidos, onde integrou a Sociedade Psicanalítica de Boston. Redigiu seu primeiro trabalho sobre psicologia da mulher e o apresentou no congresso da Associação Psicanalítica Internacional, em 21 de abril de 1924. Foi a primeira a dirigir o Instituto de Formação Psicanalítica de Viena, fundado no mesmo ano. Nesse período já começa se manifestar seu interesse pela psicologia feminina que seria o tema da maior parte de seus trabalhos. Sua monografia “Sobre a Psicanálise das Funções Sexuais da Mulher”, de 1925, foi o primeiro livro escrito por um psicanalista dedicado à psicologia feminina. Embora suas idéias sejam revolucionárias na busca pela compreensão do que é próprio da sexualidade da mulher, assunto que o próprio Freud declarava não compreender totalmente, ela não rompe com a utilização de termos próprios à compreensão masculina da sexualidade⁶¹.

Em 1931, publica um ensaio intitulado “Sexualidade Feminina” (publicado por engano com o mesmo título do trabalho de Freud do mesmo ano). Tratando do lesbianismo, Deutsch contrariava a proposição freudiana de que isso decorria da decepção com o pai. Para ela, se tratava de uma ligação entre mulheres, fruto da identificação à maternalização primária, tema que a ocupou nessa década.

Seu livro “Psicologia da Mulher” foi, em 1949, a referência psicanalítica maior de Simone de Beauvoir em “O segundo sexo”. “A posição de Helene Deutsch sobre a sexualidade feminina, inspirada na tese da libido única e do falicismo, se inscreve perfeitamente na corrente vienense, também representada por Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack-Brunswick e Marie Bonaparte”⁶².

Joan Rivière: a tradutora preferida/preterida de Freud

Joan Hodgson Verrall nasceu em 28 de junho de 1883, em Brighton, Inglaterra. Filha mais velha de Hugh e Anna, Joan fazia parte da grande burguesia intelectual inglesa e se formou inicialmente na cidade onde nasceu. Aos 17 anos foi mandada para a Alemanha, onde ficou por um ano, tempo suficiente para que aprendesse muito bem a língua e já fosse capaz de traduzir

⁶¹ SAYERS, op. cit., 1992.

⁶² ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 150.

para um inglês “fluente e expressivo” os escritos psicanalíticos de Freud. Casou-se com Evelyn Rivière, advogado⁶³.

Joan Rivière não tem uma biografia dedicada à sua vida e obra, porém tem um capítulo biográfico dedicado a ela em uma coletânea que reúne seus textos de 1920 a 1958. Na biografia de Melanie Klein, Joan Rivière aparece como alguém que “possuía uma das mentes mais perspicazes e inteligentes do grupo inglês”⁶⁴.

Seu papel como primeira tradutora de Freud é menos conhecido do que sua colaboração com divulgação das ideias de Melanie Klein. James Strachey supõe que o interesse de Joan Rivière pela psicanálise tenha ocorrido através da Sociedade de Pesquisa Psíquica, depois de ler um artigo de Freud nas atas dessa sociedade. Mas o que aparece de maneira mais evidente⁶⁵ (Roudinesco & Plon, 1998; Hughes, 2005; Grosskurth, 1992) é o fato de, em 1916, Joan ter iniciado uma análise com Ernest Jones. Impressionado com o conhecimento de sua cliente sobre princípios e processos psicanalíticos aparece como responsável por “cooptá-la” para a Sociedade Britânica de Psicanálise. Ela é uma das seis mulheres (Alix Strachey, Susan Isaacs, Ella Freeman Sharpe, Sylvia Payne e Bárbara Low), entre 24 homens, que fizeram parte da fundação da Sociedade. Joan é apontada também como sendo então a primeira analista leiga da Inglaterra, já que não possuía formação médica⁶⁶. Em 1922, foi para Viena realizar uma análise com Sigmund Freud.

Passou a ser a tradutora preferida de Freud já que possuía um estilo elegante de escrita aliado a um rigor na tradução. Freud parece ter se encantado com tais características de Joan Rivière e enxergou nela uma grande aliada do movimento psicanalítico. Porém, há duas situações que parecem comprometer tanto os planos de Sigmund Freud para Joan quanto o reconhecimento desta como ícone importante na história do movimento psicanalítico: 1) a relação de Joan Rivière com as ideias kleinianas, da chamada Escola Inglesa e 2) o fato disso entrar em choque com o interesse de Sigmund Freud em apoiar as ideias da filha, Anna Freud, em relação a análise de crianças.

A suposta rivalidade entre Joan Rivière e Anna Freud começa a aparecer por acaso, pois a submissão de Joan à análise com o pai da psicanálise e a análise que Sigmund Freud realizou com a própria filha ocorreram em momentos simultâneos, em 1922. O brilhantismo e desenvoltura de Rivière contrastam com a inibição de que se queixava Anna Freud em relação a escrita e apresentação de suas ideias.

⁶³ HUGHES, A. *The Inner World and Joan Riviere: Collected Papers 1920-1958*. London: Karnac Books, 1991.

⁶⁴ GROSSKURTH, P. *O Mundo e a Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

⁶⁵ ROUDINESCO & PLON, op. cit., 1998; HUGHES, op. cit., 2005 e GROSSKURTH, op. cit., 1992.

⁶⁶ HUGHES, A. Joan Rivière-Hodgson Verall. In: MIJOLLA, A, *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 1643-1644.

Foi em 1924 que Rivière e Klein, durante o Congresso de Salzburgo, perceberam que tinham ideias afins e a partir daí se desenvolveu uma parceria entre as duas analistas. Por essa ligação com Klein, Joan Rivière hoje é muito mais lembrada do que por suas ideias originais ou como a tradutora favorita de Freud.

Em 1927, Anna Freud escreve sua "Introdução à técnica da análise infantil", onde explicita as diferenças entre seus posicionamentos e aqueles defendidos pela corrente inglesa. No mesmo ano é organizado na Inglaterra um "Simpósio sobre análise de crianças" em que Joan Rivière sustenta a teoria kleiniana acrescentando pontos originais relacionados ao seu entendimento sobre o superego. Foi a partir da explicitação dessas ideias que houve o rompimento com Sigmund Freud, o que o levou a escrever uma carta para a Sra. Rivière.

A partir desse ponto a participação de Joan Rivière no campo da psicanálise passa a ficar bem mais centralizada na corrente inglesa. Seu artigo sobre "A feminilidade como máscara" é bastante conhecido e referenciado, sobretudo por ter sido citado por Jacques Lacan. Roudinesco & Plon apontam esse artigo como sua produção mais importante, opinião divergente de Hughes, que considera sua obra prima o artigo que escreve sobre a reação terapêutica negativa, de 1936.

Anna Freud: caçula de Freud e guardiã do espólio

Anna Freud é a filha caçula de Sigmund Freud e única a seguir no terreno da psicanálise. A mais nova dos seis filhos, Anna nasceu em Viena, em 3 de dezembro de 1895 e morreu em Londres em 9 de outubro de 1982. Filha preferida do pai, Anna nunca se casou. Tornou-se professora primária, profissão que exerceu durante a Primeira Guerra mundial, de 1914 a 1920⁶⁷. Foi analisada pelo pai em dois períodos, de 1918 a 1920 e de 1922 a 1924. Um dos sintomas de que se tratava sua análise era sua inibição. E parece ter sido baseado na análise da filha que Sigmund Freud escreve o texto de "Bate-se numa criança", de 1919.

A entrada de Anna Freud na história do movimento psicanalítico, para além de seu parentesco com o pai da psicanálise, se deu em relação ao tratamento de crianças. Seu primeiro trabalho apresentado, em 1922, foi "Fantasias e devaneios diurnos de uma criança espancada". Em 1927 publicou seu principal trabalho, segundo Roudinesco e Plon, "O tratamento psicanalítico de crianças", que como vimos na seção anterior, foi o ponto de partida para as grandes controvérsias ocorridas posteriormente, quando o centro do movimento psicanalítico se mudou de Viena para Londres, em 1938, devido ao nazismo.

Anna Freud não foi a pioneira na análise de crianças, mas dedicou boa parte de sua vida a essa temática. Nunca ousou refutar nenhum ponto na

⁶⁷ ROUDINESCO & PLON, op. cit., 1998.

teoria do pai e fazia oposição à vertente desenvolvida por outras psicanalistas mulheres que enfatizavam o maternalismo.

Anna Freud desempenhou um papel preponderante na história do movimento devido a sua meticulosa organização de documentos, textos e cartas importantes. Graças a ela, tais papéis foram guardados e catalogados, fornecendo uma infinidade de material para pesquisa.

Outro ponto importante de sua história no campo da psicanálise foi sua amizade longa com Dorothy Burlingham, com quem dirigiu clínicas de atendimento infantil e escreveu artigos. Ao lado de Dorothy escreveu o livro "War and children", de 1943 e também "Crianças sem lar" de 1954, em que discutem as consequências da guerra para as crianças.

Uma das maiores críticas que recebe o teor das construções teóricas de Anna Freud é o fato de dar ênfase demais ao fortalecimento do ego em detrimento de outra instância psíquica, o id. Um de seus livros mais conhecidos e citados é exatamente "O Ego e os mecanismos de defesa", publicado em 1936, que ressalta a importância dos mecanismos de defesa do ego em relação aos ataques do id. Anna defendia e acreditava que o papel da análise deveria ser mais voltado para o fortalecimento do ego do que para a escuta de conteúdos inconscientes, sendo acusada assim de deixar de lado o pilar mais fundamental sobre o qual se ampara a teoria psicanalítica.

Considerações finais

A história das primeiras mulheres psicanalistas retrata uma luta intensa necessária para a criação de um espaço social em que a mulher pudesse participar de um campo até então dominado por homens. A vida das autoras visitadas nesse artigo demonstra como cada uma conquistou algum reconhecimento, e de fato foram capazes de participar da construção de todo um movimento científico.

Inicialmente relegadas a papéis vistos como aceitáveis para as mulheres, tal como o cuidado de crianças, elas avançam para o terreno da sexualidade feminina. Estranhamente, tiveram que lutar também aí para que suas vozes fossem ouvidas. A intensa resistência de Freud e seus discípulos às teorizações destas pioneiras foram vencidas lentamente e as mulheres foram ocupando gradativamente lugares cada vez mais importantes na construção da teoria e prática psicanalítica.

Um dos fatores que motivaram essa investigação foi a impressão de que, no campo da psicanálise, essas autoras acabam ocupando um lugar secundário em relação aos grandes nomes do movimento psicanalítico. O que se confirma em alguns casos, mas não em outros. As razões que as levam a serem colocadas em segundo plano podem ter alguma relação com o gênero, mas a confirmação dessa hipótese exigiria uma pesquisa ainda mais minuciosa.

Sobre os autores

Marcus Vinicius Neto Silva é psicólogo (Newton Paiva), mestre em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutorando em Estudos Psicanalíticos nessa mesma instituição.

E-mail: marcusviniciusnsilva@gmail.com.

Érica Silva Espírito Santo é graduada (2005) em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre (2014) em Psicologia pela mesma instituição.

E-mail: ericases@gmail.com.

Artigo recebido em 01 de março de 2015.

Aprovado em 22 de junho de 2015.